

Imbricamento estrutural entre mensagens de ódio e a desinformação na rede social X

Structural imbrication between hate speech messages and disinformation on X

João Carlos SILVA¹

Ana Carolina KALUME MARANHÃO²

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo analisar a relação entre o fenômeno da desinformação e o discurso de ódio, entendido a partir de mensagens publicadas na rede social X. O trabalho centra-se em publicações realizadas entre janeiro e março de 2025, acerca da Medida Provisória nº 1.288/2025, relacionada ao Pix, em postagens dos perfis @FlavioBolsonaro e @RubinhoNunes. O referencial teórico articula contribuições da psicanálise, a partir da visão de Sigmund Freud, e articula uma linha de análise através do fenômeno da desordem informacional. Os resultados indicam que o ódio opera como combustível emocional para compartilhamento de conteúdos enganosos, mobilizando estratégias discursivas baseadas no apelo à indignação e na descrença na mídia.

Palavras-chave: Desordem informacional. Discurso de Ódio. Psicanálise. Redes Sociais. X.

Abstract

This article looks forward to analyzing the connections between the disinformation phenomenon and hate speech by examining messages posted on X. The research is focused on posts made between January and March 2025 that mentions Provisional measure nº 1.288/2025, which refers to Pix, posted by the accounts @FlavioBolsonaro and @RubinhoNunes. The understanding of hate in this work is based on the literature by psychoanalytic authors such as Sigmund Freud to develop its analysis of informational disorder. The results indicate that hate operates as an emotional reinforcer for the sharing of false content, mobilized by discursive strategies that appeal to users' wrath, indignation or resentment, while also promoting media discredit.

Keywords: Informational disorder. Hate speech. Psychoanalysis. Social media. X.

¹ Graduando do curso de Jornalismo pela Universidade de Brasília (UnB).
E-mail: joaoscomunicacao@gmail.com

² Doutora em Comunicação pela Universidade de Brasília. Professora da Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília. E-mail: ckalume@gmail.com

Introdução

A interconexão entre os estudos da psicologia e das áreas de comunicação ocorre quando investigações se voltam aos impactos e complexidades do comportamento humano diante da influência das tecnologias de difusão de informação decorrentes de cada era. Na era da informação digital, a comunicação encara o desafio de manter a integridade da informação em meio à fontes difusas e um ambiente digital de constante disputa pela atenção do receptor (BORDONABA-PLOU, 2019, p. 306). Neste cenário, surge a demanda sobre a compreensão das características acerca da desinformação, especialmente, os combustíveis emocionais necessários para o compartilhamento e produção de conteúdo inverídico, levando em conta que as funcionalidades de sites operam para garantir uma elevação de dopamina em usuários a cada interação virtual (WARDLE e DERA KSHAN, 2017, p.13).

Desta forma, a pesquisa volta-se à compreensão sobre como o ódio pode influenciar a disseminação de informações falsas ou imprecisas, partindo da psicanálise, através de um estudo da emoção como um atributo inerente não apenas ao indivíduo, mas também às sociedades, capaz de estabelecer arquétipos de inimigos na cognição humana (FREUD, 1915, p.10). Outro aspecto importante investigado por este estudo é a forma a qual o ódio se manifesta em ambiente virtual, frente às particularidades da comunicação online

Este trabalho está estruturado em três seções, a primeira aborda a metodologia de pesquisa feita a partir das definições de análise de conteúdo de Laurence Bardin (2006), em que acompanhamos perfis e publicações de usuários da rede social X para analisar as formas com que o ódio se apresenta em mensagens desinformativas.

Nascimento do ódio na psicanálise

O ódio é uma resposta orgânica a estímulos externos que operam na mesma instância psíquica que o amor, evento sintetizado no conceito de “ambivalência dos sentimentos”. Freud (1913) caracteriza o fenômeno como a coexistência entre impulsos conflitantes, em situação em que o indivíduo tem a pretensão de agir em deleite sobre um objeto, ao mesmo tempo em que é impedido de realizar o ato por também abominá-lo. Essa oposição ocorre de forma não conciliável a curto prazo, haja vista que são

antagônicas na condição psíquica do indivíduo, assim, a proibição ocorre no consciente e o desejo de efetuar a ação é inconsciente.

Essa ambivalência é observada na relação entre irmãos, Freud (1900, p. 215) analisa que o genuíno amor fraterno comumente coexiste com inconscientes desejos maléficos uns contra os outros, os quais são construídos por experiências durante a infância, fase da vida em que o comportamento do indivíduo é dominado por fins egoístas. Mesmo as crianças bem-comportadas aos olhos adultos não têm padrões de comportamento esperados para adultos, sentem suas necessidades intensamente e buscam pela satisfação imediata. Freud também destaca que antes do fim da infância, os impulsos altruístas e a moralidade despertam na criança um ego secundário que inibe o primário.

Após superar esse desenvolvimento primário e a criança passar a apresentar comportamento aproximado às expectativas do convívio social, esse egoísmo infantil ainda pode vir a ser manifestado, uma vez que o desenvolvimento da moral não é um processo idêntico a todos os indivíduos. Nesse sentido, há semelhanças entre o comportamento histérico e o comportamento infantil egoísta. Como explicita Freud (1900, p.215), a neurose obsessiva, ao contrário, corresponde a uma super moralidade imposta como um peso de reforço aos primeiros sinais do caráter primário. Assim, o mal desenvolvimento dessa moral não é uma mera degeneração, mas uma inibição do desenvolvimento.

A ambivalência também é marcada pelo caráter edípico das relações entre pais e filhos, conclusão alcançada a partir do caso “Pequeno Hans” (FREUD, 1909), o qual foi observado que um conflito de hostilidade contra o pai se materializou em fobia. No caso, um garoto apresentou superexcitação sexual em diferentes episódios dos primeiros anos de vida, que levaram a situações constrangedoras, dada a natureza obscena dos comentários feitos pelo menino a respeito da genitália de animais, atitudes que feriram os códigos de bom comportamento na comunidade de que cresceu e persistir pelos próximos anos de infância de Hans. Em dado momento, o garoto desenvolveu uma fobia particular por cavalos, o medo de se deparar com o animal e, assim, ser mordido por ele o impediu mesmo de sair para as ruas.

A partir da análise psicanalítica, constatou-se que a ansiedade desencadeada pela presença dos animais estava associada ao desejo narcísico do garoto por sua mãe. A repressão ao mal comportamento de Hans, promovido por sua mãe, se configurou na apreensão de perder a figura materna e conseqüentemente, a incapacidade de realizar os

desejos narcísicos incompreensíveis para ele. O temor era enfatizado por sonhos em que esse o garoto via sua mãe morrer.

O problema passou a se desenvolver em fobia aos cavalos à medida que Hans adicionou à sua afeição para com sua mãe o sentimento edípico de disputa com seu pai por afeto. Ao experienciar a morte de um cavalo, Hans associou o desejo de morte direcionado ao pai com a circunstância de em que experienciou a morte de cavalos.

Ao enxergar o pai como concorrente ao afeto da mãe, figura que Hans dirigia os seus desejos sexuais nascentes, floresceu no menino a postura denominada complexo de Édipo, que desencadeia suas neuroses. A análise do caso constata que o ódio proveniente da rivalidade não é suficiente para difundir-se sem entraves na psique do garoto. O sentimento se instala em paralelo ao afeto e a admiração sentida pelo pai (FREUD, 1900). Como forma de solucionar o conflito emocional perante o pai, o menino procura alívio ao deslocar seus sentimentos hostis e angustiados para outra figura se não a paterna, no caso, os cavalos.

Freud (1915, p. 10), ao refletir sobre o mal, se alinha à investigação psicanalítica que enquadra a maldade como um impulso primitivo próprio de natureza elementar, instalada por meio das fases de desenvolvimento humano até a vida adulta. Esses impulsos não são essencialmente bons ou ruins, mas sim desenvolvimentos reativos favorecidos pelas circunstâncias que ocorrem em pares antitéticos.

A transformação das pulsões em “más” se dá a partir da ação de dois fatores que atuam em igual sentido, um interior e outro exterior. O fator interior consiste no influxo exercido sobre as pulsões egoístas pelo erotismo, pela necessidade humana de amor na sua acepção mais ampla. As pulsões egoístas, ao se unirem às componentes eróticas, transformam-se em pulsões sociais. Isso significa que, ao aprender a valorizar o ser amado como uma vantagem, o indivíduo é capaz de renunciar a outras satisfações que seriam puramente egoístas. Essa capacidade de estabelecer laços afetivos e de buscar o amor atua como um motor interno para a socialização das pulsões. Sob essa ótica, o homem é movido mais por suas paixões do que por seus interesses, que servem para racionalizar a satisfação das paixões (WINOGRAD; NATALE, 2020).

O fator exterior atua de forma interligada, pela coerção da educação e, subsequentemente, a ação direta do meio cultural. A civilidade é adquirida por meio da renúncia à satisfação pulsional imediata, uma exigência que se repete para cada novo indivíduo. Essa coerção externa, imposta pela sociedade e pela educação, com o tempo,

é internalizada, transformando-se em uma coerção interior. Assim, as influências culturais levam as aspirações egoístas a se transformarem em tendências altruístas e sociais. Segundo Freud (1915, p.12), toda pessoa carrega de forma hereditária a disposição para transformar pulsões egoístas em pulsões sociais:

As influências culturais fazem com que, cada vez mais, os esforços egoístas sejam transformados em altruístas, sociais, pelo acréscimo de elementos eróticos. Pode-se supor, por m, que toda coação interna que se arma no desenvolvimento humano, originalmente — ou seja, dentro da história da humanidade — era apenas uma coação externa. (Freud, 1915, p. 12)

Embora essas transformações ocorram na vida individual, elas são produto evolutivo. Aquilo que hoje se manifesta como uma coerção interna no desenvolvimento do homem, outrora foi uma coerção externa na trajetória da civilização. Mesmo assim, parte significativa dessa metamorfose pulsional se concretiza ao longo da vida, sob influência do meio cultural presente e da herança cultural dos antepassados.

Sendo fator constituinte da experiência humana, o ódio é um acontecimento ontológico endereçado ao ser, sob condição de não reduzi-lo a uma substância ou a sua representação. Assim, a partir da análise da obra de Freud, o ódio tem o real como objeto e encontra a origem humana à maldade e à destruição. “Eis-nos, então, conduzidos a conceber o ódio inconsciente como essa paixão que se situa na junção do mundo das coisas com o mundo das palavras”, (GORI, 2006. p.126).

A partir da problematização quanto a esse processo evolutivo, Freud reflete a respeito da manifestação do mal que é encarnado pela guerra. A brutalidade da guerra ocorreu com tutela das “grandes nações da raça branca, dominadoras do mundo” (FREUD, 1915, p.5-6), às quais se deram o papel de guiar moralmente os demais povos e estabeleceram um severo código moral que mesmo justificou a sua existência como entidade, o que chama de “Estado civilizado”. É a partir deste ímpeto doutrinador que a absorção de outros povos foi aceita sob relutâncias e limitações a participar da obra comum da cultura das tais nações. No entanto, a compreensão desses grandes povos quanto aos seus elementos comuns e a tolerância em face às suas diferenças não impediu que confundissem num só os conceitos de “estrangeiro” e “inimigo”.

Freud combate a crença que essa brutalidade escapa ao viés cível de erradicar as más inclinações do homem para que estas sejam substituídas por inclinações ao bem. Para o autor, a guerra não é uma falha no contrato social de civilidade, pelo contrário, inexist

qualquer intenção de “erradicação” do mal (FREUD, 1915, p.10) além de ser uma característica dos agrupamentos organizados humanos a tentativa de dominar as intenções destrutivas provindas do ódio e do egoísmo.

Assim, é característica comum do comportamento humano a tentativa de manter equilíbrio entre aspectos proporcionadores de vida e os aspectos destrutivos que coexistem no superego. A moralidade cristã, por exemplo, assim como a de diversas religiosidades, adota a tentativa de domar os impulsos agressivos a partir da constituição de um amor altruísta a ser alcançado. Esse amor, por sua vez, é dissociado pela doutrina de atributos sexuais, uma vez que o impulso sexual é imperativo, egoísta e possibilita dano ao indivíduo e a outrem. Em consequência ao menosprezo cristão à sexualidade, tanto os impulsos sexuais quanto a agressividade escoam em “canais de ódio e destrutividade” (KLEIN; RIVIERE, 1937, p.73) e se materializam em perseguição, ganância e ascetismo. É a partir da contenção do entendimento do que é bondade sob a égide do altruísmo em dimensões interiores da mente, negando o mundo material, que a agressividade encontra sua possibilidade de expressão na perseguição às demais crenças, no plano intelectual, na experiência empírica e demais campos de saber relegados ao desprestígio pela mentalidade cristã.

As autoras entendem que dentre as razões pelas quais os impulsos sexuais são tão intensamente revestidos de culpa a tendência à agressividade e egoísmo, podendo causar dano a nós mesmos ou a outrem. No entanto, a privação dos impulsos agressivos e a censura aos aspectos sexuais do comportamento humano resultam na negação da própria vida.

O ódio no X e a desinformação

O surgimento das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) permitiu a expansão das possibilidades comunicacionais para além das formas de mídia analógicas tradicionais, baseados no paradigma “um-para-muitos” (KALUME *et al*, 2024, p.200). A atual comunicação em rede tem funcionalidade a partir da formação de bolhas de interesse, o que permite novas formas de propagação de informações falsas. O compreensão do cenário digital da desordem informacional é estruturada a partir de três

formatos: informação incorreta, má informação e desinformação³ (DERAKHSHAN & WARDLE, 2017, p.5, tradução nossa). Os autores diferenciam e compreendem esses conceitos a partir da relação entre a veracidade de uma informação e a intencionalidade do agente em propagá-la. A informação incorreta ocorre quando mensagens inverídicas são disseminadas sem propósito de causar dano, o que não torna o fenômeno menos nocivo.

De outra forma, em casos de má informação há a genuína intenção de causar dano a partir da instrumentalização de materiais verídicos, seja por meio de vazamento de dados particulares e sensíveis de algum indivíduo ou instituição, assim como o assédio direcionado ou mesmo a propagação de discursos de ódio (IRETON & POSETTI, 2019, p.49). A desinformação, por sua vez, se encontra na intersecção entre a intencionalidade corrupta da má informação e a inveracidade característica da informação incorreta. Nesse fenômeno, conteúdos falsos são deliberadamente criados com objetivo de servir como ameaça ou instrumento para vulnerabilizar pessoas, organizações ou grupos sociais (WARDLE & DERAKHSHAN, 2017, p.20).

Cada rede social elabora, em sua política de utilização, as definições de discurso de ódio, não havendo uma conceituação universal. Na maior parte das acepções, o termo se refere a palavras que tendem a insultar, intimidar ou assediar pessoas em virtude de sua raça, cor, etnicidade, nacionalidade, sexo ou religião, ou mesmo discurso com capacidade de instigar violência, ódio ou discriminação. Apesar de ser uma infração das normas de redes sociais, nem o direito constitucional moderno e nem o direito internacional preveem proibição para o discurso do ódio.

O X define discurso de ódio como conteúdos discursivos que contenham ameaça de infligir danos físicos a outras pessoas, o que inclui a ameaça de danificar casas e abrigos civis, ou infraestrutura essencial para atividades diárias, cívicas, religiosas ou comerciais. Também é enquadrado na definição do conceito o desejo de prejudicar alguém, que o X caracteriza como esperar que outros morram, sofram doenças, incidentes trágicos ou sofram outras consequências fisicamente prejudiciais. A incitação à violência, também proibida no site, diz respeito a ação de incitar, promover ou encorajar outros a cometer atos de violência ou dano, inclusas atrocidades como crimes contra a humanidade. Por fim, a plataforma não permite a glorificação da violência, o que define

³ No original: “Mis-information” (informação incorreta), “mal-information” (má informação) e “dis-information” (desinformação).

como elogiar ou celebrar atos que causam danos a terceiros, incluindo expressar gratidão ou elogiar o sofrimento físico, exaltar crueldade ou abuso contra animais.

Procedimentos metodológicos

A estratégia para abordar o objeto parte de um exame qualitativo aprofundado quanto à influência do ódio como motor do compartilhamento de informações falsas no processo comunicacional entre emissor, meio e receptor. Este trabalho emprega a técnica de análise de conteúdo, baseada particularmente na metodologia estabelecida por Laurence Bardin (2006). O estudo leva em conta dois processos distintos: o *inventário*, em que os elementos alvo de análise foram discriminados e a *classificação*, na qual estes mesmos elementos foram organizados com base em critérios definidos.

Nesse sentido, nosso trabalho procurou dividir, organizar e compreender como a desinformação pode ocorrer a partir da análise das cinco palavras chave que compõem o corpus teórico deste trabalho de pesquisa: governo, esquerda, dinheiro, monitoramento, fake e receita. Todas contextualizadas em mensagens a respeito do assunto Pix. As mensagens que compõem o corpus analisado foram publicadas pelos perfis da rede social X @FlavioBolsonaro e @RubinhoNunes. Este primeiro passo consistiu na exposição e separação das mensagens, seguido da categorização das palavras chave, viabilizando coletas de dados e análise. As principais categorias analisadas foram: *Apelo à indignação como estratégia comunicacional*, *apelo à descrença na mídia como estratégia comunicacional*.

Este procedimento permite estabelecer um enquadramento da ocorrência de difusão de mensagens que caracterizam desinformação na plataforma X, uma vez que as técnicas de desinformação são variadas, se valendo das possibilidades do avanço tecnológico e da dissimulação das reais intenções em compartilhar e produzir mensagens em redes sociais. Isto possibilitou alcançar um nível de sistematização necessário para a comparação com o pensamento psicanalítico a respeito do ódio.

Análise e resultados

A análise quanto ao discurso de ódio nas interações virtuais foi empreendida a partir da coleta de dados referentes a postagens do X (chamado de Twitter entre 21 de

março de 2026 e 24 de julho de 2023), uma vez que a rede social apresenta número expressivo de usuários no Brasil e também tem sido ferramenta de comunicação entre políticos e o eleitorado. As funcionalidades também permitem a observação do nível de relevância de um conteúdo a um público genérico, medida pelo engajamento em publicações na plataforma.

Como estratégia de enquadramento do objeto de análise, nossa pesquisa toma como base a problemática relacionada à nova legislação do serviço de transação monetária Pix, adotada pelo Governo Federal Brasileiro em janeiro de 2025 (PACHECO, 2025). A análise é voltada para publicações no X feitas entre 1 de janeiro e 31 de março de 2025, a escolha do período discriminado teve como base o intervalo de tempo que apresentou o maior volume de interesse popular pelo assunto naquele ano, conforme registram os dados do *Google Analytics*.

A escolha das palavras-chave da nossa pesquisa também considerou a recorrência das palavras em publicações feitas no X a respeito do assunto pix durante o período discriminado. A investigação se voltou às publicações feitas pelos usuários @FlavioBolsonaro e @RubinhoNunes, sendo esses os perfis que mais geraram interações sobre o assunto na plataforma (PECORARO *et al*, 2025).

O interesse popular a respeito do assunto pix durante o período estipulado pela nossa pesquisa foi motivado pela intensa divulgação de informação quanto às novas regras de monitoramento de transações financeiras por meio do dispositivo. A regra começou a ser aplicada pelo Governo Federal em 1 de janeiro, o que desencadeou notícias quanto à ação. No período, o tema gerou controvérsia e motivou a difusão de informações falsas a respeito de suposta taxação das transações via Pix, especialmente para valores acima de R\$ 5 mil (MÁXIMO, 2025). Os boatos se intensificaram após a divulgação de vídeos de cunho político abordando o assunto.

Por meio da Análise de Conteúdo (Bardin, 1977), iniciou-se a organização sistemática das ideias na pré-análise, partindo para a exploração do material e, enfim, por último o tratamento do resultado, nossa pesquisa definiu categorias com base na proximidade semântica entre os vocábulos e também considerou a constância da inter-relação entre as palavras nas publicações analisadas.

A categorização também levou em conta as estratégias discursivas presentes nas mensagens. Uma vez que a interpretação de fatos se dá em dimensão pessoal, subjetiva e

sujeita ao viés do receptor, as mensagens carregam intencionalidade política e psicológica, mesmo que latente, provocando reações (Wodak; Meyer, 2001, p.73).

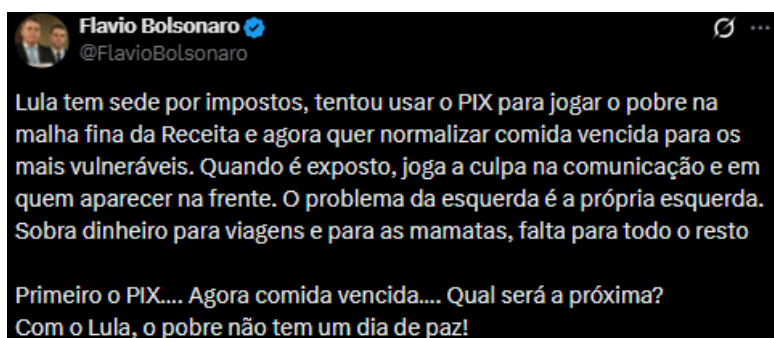
Assim, as palavras chaves governo, esquerda, dinheiro, monitoramento, fake e receita, coletadas das publicações no X, foram categorizadas a partir da recorrência que aparecem relacionadas ao tema Pix em publicações no X de autorias dos perfis @FlavioBolsonaro e @RubinhoNunes. As palavras foram discriminadas nos grupos: Apelo à indignação como estratégia comunicacional e Apelo a descrença na mídia como estratégia comunicacional.

Apelo à indignação como estratégia comunicacional

Entendendo o discurso como o uso da linguagem como forma de prática social, nosso estudo analisa a produção discursiva em seu contexto sociocultural, de forma a considerá-lo não apenas em dimensão gramatical e lexical, mas também nas dimensões psicológicas da estrutura argumentativa (FAIRCLOUH, 1995, p. 7), as publicações que apresentam os termos governo, esquerda e dinheiro aparentam intenção de ascender no receptor impulsos de indignação quanto a questão, acentuando aspectos particulares de problemas sociais.

A estratégia discursiva em questão utiliza a capacidade de mobilização de usuários a partir da indignação moral perante uma situação de possível injustiça, como forma de recuperar autoridade sobre a ordem política (LYMAN, 2004), apelando para a ideologias compartilhadas entre o ator político que produz a mensagem e o eleitorado que a recebe.

Figura 1 - Publicação de @flavioBolsonaro em 23 de janeiro de 2025. A publicação de Flávio Bolsonaro relaciona a dita taxaço do Pix com outra medida impopular.



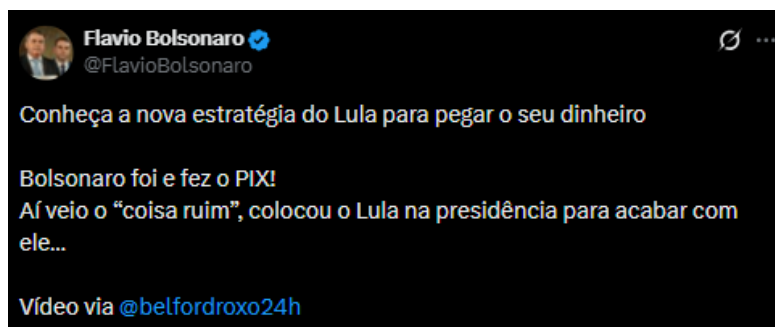
Fonte: X ⁴

⁴ Publicação feita na rede social X em 23 de jan de 2025.

Disponível em: <https://x.com/FlavioBolsonaro/status/1882478777675943957>

A análise da estratégia discursiva considera a agressividade como um dote instintual suprimido durante as interações sociais, mas que permanece em latente no aguardo da provocação (Freud, 1930. p. 49). Essa intencionalidade também pode ser demonstrada na publicação:

Figura 2 - Publicação de @flavioBolsonaro em 10 de janeiro de 2025.
Flávio Bolsonaro republica vídeo sobre suposta aplicação de multa em casos de transição via Pix no valor acima de R\$ 5 mil.



Fonte: X⁵

As palavras-chave que embasam a primeira categoria estão dispostas nas mensagens como artefato para evocar agressividade perante o tema abordado pelo texto. O sentimento é suprimimento para discussões em ambiente digital pela sua capacidade de desencadear argumentações que duram até o momento em que os argumentos se exaurem (SCHEVE e SALMELA; 2014, p. 384). Essa capacidade de gerar controvérsia é observada em episódios de relevância social, política, cultural e econômica que passam a ser objeto de publicações no X. Nesses casos, é possível observar um aumento da raiva expressa em publicações se comparadas aos dias pós evento (Bollen, Pepe, & Mao, et al., 2011).

Dessa forma, a estratégia linguística é também estratégia de domesticação da raiva, de forma a se utilizar do sentimento como recurso de objeção política, uma vez que que organizações sociais precisam manejar a domesticação do ódio com a necessidade da indignação na práxis política.

⁵ Publicação feita na rede social X em 10 de jan de 2025.

Disponível em: <https://x.com/FlavioBolsonaro/status/1877725067284554124>

Apelo a descrença na mídia como estratégia comunicacional

As publicações que apresentam as palavras monitoramento, fake e receita também se valem dos termos como estratégia linguística. Nestes casos, a análise das mensagens aponta para provocação de descrença em veículos de comunicação. A objeção política e a domesticação do ódio promovida pelos atores age para tornar a si uma autoridade na emissão de informações, conforme Adorno (1975, p. 358) conceitua, a padronização industrial da comunicação de massa impulsiona a estereotipação do real, o que permite que indivíduos a sensação de compreensão. Como defende o autor, “o pensamento estereotipado em questões políticas é quase inescapável” (ADORNO, 1975, p. 358). Considerando a natureza sintética das publicações no X, a comunicação na plataforma promove a tradução simplificada da realidade e leva ao processo de personalização, a compreensão de processos sociais e econômicos e políticos a partir de uma figura identificada com o caso em questão, falhando em se dar ao trabalho de realizar as operações intelectuais impessoais requisitadas pela abstração dos próprios processos sociais.

Figura 3 - Publicação de @RubinhoNunes em 9 de janeiro de 2025.
Publicação de Rubinho Nunes aponta suposta obstrução de informações pela imprensa.



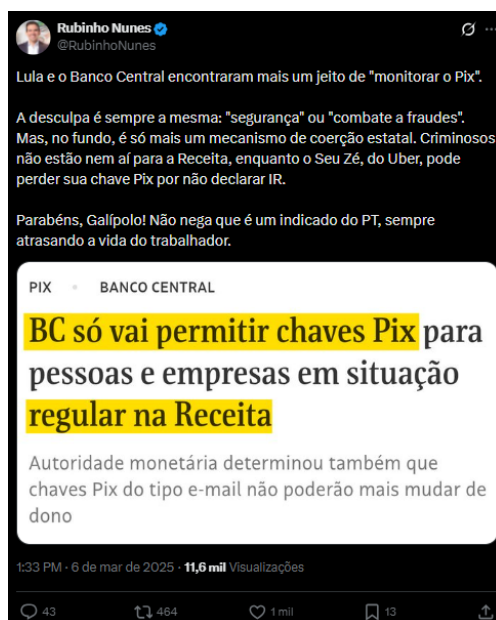
Fonte: X⁶

⁶ Publicação feita em 9 de jan. de 2025.

Disponível em: <https://x.com/RubinhoNunes/status/1877462043864727922>

Dado o contexto de produção industrial de informação sob fontes difusas de propagação de notícias em redes sociais, essa tática é útil em momentos históricos de polarização política uma vez que é este o cenário para instituição da economia da atenção, na qual os receptores de informação têm dificuldade em dedicar seu tempo à examinar a procedência das fontes emissoras, o que provoca disputa de publicadores pela atenção dos frequentadores do ciberespaço. Neste modelo de funcionalidade, quanto mais personalizada, específica e pessoal é a informação, mais sua capacidade de manter a atenção do usuário no artefato compartilhado, entretanto, também é menor a possibilidade de acesso a informações divergentes (BORDONABA-PLOU, 2019, p. 306). A desinformação, então, é possível a partir desse desvio nas características que garantem a manutenção da integridade da informação (OCDE, 2024, p.7).

Figura 4 - Publicação de @RubinhoNunes em 6 de março de 2025
Rubinho Nunes aponta supostas incongruências no discurso dos adversários políticos.



Fonte: X⁷

Para além de inverdades deliberadas, a desinformação também ocorre a partir da publicação de informações com enquadramento enganoso, em que informações verdadeiras são utilizadas para criar um sentido falso devido à forma como são apresentadas, além dos tipos de conexões que são estabelecidas a partir delas. Como classifica Wardle e Derakshan (2017), textos enganosos também ocorrem com o apoio de

⁷ Publicação feita em 6 de mar de 2025.

Disponível em: <https://x.com/RubinhoNunes/status/1897686888494051504>

imagens verdadeiras, mas usadas de modo a acrescentar ou retirar uma informação essencial.

Considerações finais

Este estudo se desdobra na análise das capacidades que o ódio tem de operar na difusão de informações. A partir das interações via internet, o trabalho observa a fundo as formas em que o ódio está presente na comunicação digital, especificamente no fenômeno comunicacional das mensagens de ódio veiculadas na rede social X. Assim, os desdobramentos perpassam os possíveis fatores discursivos evocadores de ódio e seu consequente papel contribuinte à desordem de informação.

A análise aponta a presença do ódio como elemento discursivo útil para enfatizar oposição contra adversários políticos, enquadrando a veiculação de mensagens em contexto de polarização de opiniões, o discurso é feito por meio de signos linguísticos que evocam emoções no receptor da mensagem. O alinhamento do discurso ao contexto age de forma a escoar a agressividade do receptor dentro da circunstância antitética, para perpetuar a informação transmitida. Adiciona ao objeto de estudo a presença da estratégia discursiva aliada à elementos de discurso desinformativo, que evoca descrença do método jornalístico de prover informação.

Com esta análise é possível compreender elementos característicos da difusão de informação em meio digital, bem como as estratégias de promoção política com base no funcionamento algorítmico de redes sociais, especificamente o X. Nosso estudo levanta reflexões quanto à relação entre emissor e receptor de uma mensagem estabelecida por agentes políticos na busca de desenvolver vínculo afetivo e identificação com o posicionamento adotado em contexto de discussão de assuntos controversos.

O estudo também evoca novas discussões quanto a capacidade das mensagens observadas tem de repercutir informação falsa ou inexata, por meio da análise das ferramentas de contabilização de engajamento próprias da plataforma. Também é de interesse de futuras pesquisas compreender o papel destas mensagens no contexto de polarização política, ao observar se a influência do ódio da comunicação é produto da divergência ideológica acirrada ou também opera como elemento capaz de propagar, reforçar ou manter posicionamentos políticos extremos.

Referências

ADORNO, Theodor. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. São Paulo: Editora Unesp, 1975.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2006.

BOLLEN, J.; MAO, H.; PEPE, A. **Modeling Public Mood and Emotion**: Twitter Sentiment and Socio-Economic Phenomena. Proceedings of the International AAAI Conference on Web and Social Media, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 450–453, 2011. Disponível em: <https://ojs.aaai.org/index.php/ICWSM/article/view/14171>. Acesso em: 15 fev. 2026.

BORDONABA-PLOU, David. **Polarización como impermeabilidad**: cuando las razones ajenas no importan. Cinta de Moebio, Santiago, n. 66, p. 295–309, mar. 2019. Disponível em: cintademoebio.uchile.cl/index.php/CDM/article/view/55911. Acesso em: 6 fev. 2026.

BRUGGER, W. **Proibição ou proteção do discurso do ódio?** Algumas Observações sobre o Direito Alemão e o Americano. Direito Público, v. 4, n. 15, 2010. Disponível em: <https://www.portaldeperiodicos.idp.edu.br/direitopublico/article/view/1418>. Acesso em: 16 jun. 2025.

BUTLER, Judith. **Discurso de ódio**: uma política do performativo. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

DELGADO, Richard; STEFANCIC, Jean. **Understanding words that wound**. Estados Unidos: Westview Press, 2004.

FAIRCLOUGH, Norman. **Critical discourse analysis**: papers in the critical study of language. Nova York: Longman Publishing, 1995.

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1900. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. IV).

FREUD, Sigmund. **Duas histórias clínicas**: o “Pequeno Hans” e o “Homem dos ratos”. Rio de Janeiro: Imago, 1909.

FREUD, Sigmund. **Totem e tabu**. São Paulo: Schwarcz S.A., 1913.

FREUD, Sigmund. Considerações contemporâneas sobre a guerra e a morte. In: FREUD, Sigmund. **Tempos de guerra e morte**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021. p. 12–35. (Trabalho original publicado em 1915).

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. In: FREUD, Sigmund. Obras completas, v. 18. São Paulo: Companhia das Letras, 1930–1936.

GORI, Roland. **O realismo do ódio**. Psicologia Clínica, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p. 125–142, 2006. Disponível em: pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652006000200010. Acesso em: 24 jun. 2025.

IRETON, C.; POSETTI, J. **Jornalismo, fake news & desinformação**: manual para educação e treinamento em jornalismo. UNESCO, 2019. Disponível em: unesco.org/pt/articles/jornalismo-fake-news-desinformacao. Acesso em: 25 maio 2025.

KALUME, Ana Carolina *et al.* Todos falam, ninguém se entende: desinformação, infodemia e o papel da educação midiática na era digital. In: BARROSO, Luís Roberto *et al.* **O futuro da democracia**: inteligência artificial e direitos fundamentais. Brasília: FAC Livros, 2024. p. 194–209.

KLEIN, Melanie; RIVIERE, Joan. **Amor, ódio e reparação**: as emoções básicas do homem do ponto de vista psicanalítico. 2. ed. São Paulo: Imago Editora, 1937.

LYMAN, Peter. **The domestication of anger**: the use and abuse of anger in politics. European Journal of Social Theory, Londres, v. 7, n. 2, p. 133–147, maio 2004. Disponível em: journals.sagepub.com/doi/10.1177/1368431004041748. Acesso em: 13 jan. 2026.

MÁXIMO, Welton. **Receita Federal volta a negar taxaço do Pix e alerta para golpes**. Agência Brasil, Brasília, 14 jan. 2026. Economia. Disponível em: agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2026-01/receita-federal-volta-negar-taxacao-do-pix-e-alerta-para-golpes. Acesso em: 9 jan. 2026.

OCDE. **Perspectivas econômicas da OCDE**. Paris: Publicações da OCDE, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1787/d8814e8b-en>. Acesso em: 1 fev. 2026.

PACHECO, Clarisse. **Movimentação acima de R\$ 5 mil no Pix não implica necessariamente em IR de 27,5%, dizem advogados**. Estadão, São Paulo, 7 jan. 2025. Estadão Verifica. Disponível em: www.estadao.com.br/estadao-verifica/quem-movimentar-mais-de-5-mil-pix-pagara-imposto-de-renda-de-275-enganoso. Acesso em: 7 jan. 2026.

PECORARO, Caroline; MANNHEIMER, Vivian; CAPONE, Letícia; CHIODI, Alex. **Fake news sobre taxaço do Pix**. Instituto Democracia em Xeque, 2025. Disponível em: institutodx.org/publicacoes/boletim-fake-news-sobre-taxacao-do-pix. Acesso em: 7 jan. 2026.

SCHEVE, Christian von; SALMELA, Mikko. **Collective emotions**: perspectives from psychology, philosophy and sociology. Oxford: Oxford University Press, 2014.

SELLARS, Andrew. **Defining hate speech**. Berkman Klein Center Research Publication, n. 2016-20. Boston University School of Law, Public Law Research Paper, p. 16–48, 2016. Disponível em: <https://ssrn.com/abstract=2882244> ou <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.2882244>. Acesso em: 26 out. 2025.

WARDLE, C.; DERAKHSHAN, H. **Information disorder**: toward an interdisciplinary framework for research and policy making. Relatório. Estrasburgo: Council of Europe, 2017. Disponível em: edoc.coe.int/en/media/7495-information-disorder-toward-an-interdisciplinary-framework-for-research-and-policy-making.html. Acesso em: 10 maio 2025.

WINOGRAD, Mona; NATALE, Rony. O ódio na cultura e na clínica psicanalítica contemporâneas. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 23, n. 4, p. 724–744, dez. 2020. Disponível em: www.scielo.br/j/rlpf/a/RHGVywh5pBq5wgbtZN4Lzbd/?lang=pt. Acesso em: 29 jun. 2025.

WODAK, Ruth; MEYER, Michael. **Methods of critical discourse analysis**. Londres: SAGE Publications Inc., 2001.